

**“O derramamento das ciencias deverá ser um dos mais sérios empenhos do governo do paiz”: escritos em jornais estudantis em Aracaju/Sergipe (1874-1888)<sup>i</sup>**

*“El derramamiento de las ciencias debe ser uno de los más serios empeños del gobierno del país”: escritos en los periódicos estudiantiles de Aracaju/Sergipe (1874-1888)*

João Paulo Gama Oliveira  
Simone Paixão Rodrigues  
**Universidade Federal de Sergipe (UFS)**  
Itabaiana/SE-Brasil  
Vitória Lídia da S. Santos  
**Universidade Federal de Sergipe (UFS)**  
São Cristóvão/SE-Brasil

**Resumo**

Na área da História da Educação nota-se que existe uma vasta produção que utiliza a imprensa tanto como fonte, quanto como objeto de suas análises, todavia os impressos estudantis ainda se constituem como uma área em expansão. Trata-se de um redirecionar das lentes, que busca lançar luz para sujeitos do processo educativo até pouco tempo secundarizados nas pesquisas, e, assim, deslocar-se das perspectivas centradas nas instituições, docentes, disciplinas, entre outras temáticas, para focar no aluno e seus escritos. Neste sentido, o objetivo do presente texto consiste em analisar as temáticas trabalhadas em impressos estudantis produzidos por alunos de Aracaju/SE e localizados na Hemeroteca Virtual da Biblioteca Nacional. Assim, colocamos em tela quatro números desses jornais no recorte temporal de 1874 a 1888.

**Palavras-chave:** História da Educação; Jornais estudantis; Ensino Secundário.

**Resumen**

En el área de la Historia de la Educación, se percibe que existe una vasta producción que utiliza la prensa tanto como fuente, como también como objeto de sus análisis, sin embargo, los impresos estudiantiles aún es un área en expansión. Se trata de redireccionar las lentes, que busca arrojar luz para sujetos del proceso educativo, hasta hace poco tiempo secundarios en las investigaciones, y así se desplazan las perspectivas centradas en instituciones, docentes, disciplinas, entre otros temas, para focalizar en el estudiante y sus escritos. En ese sentido, el objetivo de este texto es analizar las temáticas trabajadas en impresos estudiantiles producidos por estudiantes de Aracaju/SE y ubicados en la Hemeroteca Virtual de la Biblioteca Nacional. Así, presentamos 4 números de estos periódicos en el período de tiempo de 1874 a 1888.

**Palabras clave:** Historia de la Educación; Periódicos estudiantiles; Enseñanza secundaria.

*“O derramamento das ciencias deverá ser um dos mais sérios empenhos do governo do paiz”*: escritos nos jornais estudantis em Aracaju/Sergipe (1874-1888)

## **1. Introdução**

Pallares-Burke (1998, p. 145) pontua que, para além das instituições formais de educação, existiam outras agências de “transmissão cultural de uma geração a outra” no século XIX, cada uma com “[...] sua quota de participação no processo educacional e podem, pois, ter muito a dizer sobre o modo complexo pelo qual as culturas são produzidas, mantidas e transformadas”, entre elas, os jornais. Neste sentido, se por um lado já existe um reconhecimento da “História da imprensa”, por outro, Tania de Luca (2021, p. 111) trata de uma relutância na escrita da “História por meio da imprensa”, no texto, já clássico, “História dos, nos e por meio dos periódicos”.

Ao tratar da área da História da Educação, nota-se que existe uma vasta produção que utiliza a imprensa tanto como fonte, quanto como objeto de suas análises, todavia os impressos estudantis ainda se constituem como uma área em expansão. Trata-se de um redirecionar das lentes, que busca lançar luz para sujeitos do processo educativo até pouco tempo secundarizados na escrita, e, assim, desloca-se das perspectivas centradas nas instituições, docentes, disciplinas, entre outras temáticas, para focar nos alunos e seus escritos.

Estudos de diferentes partes do Brasil, como, por exemplo, os trabalhos de Amaral (2002, 2013), Almeida e Bastos (2015), Bastos e Ermel (2013), com foco em instituições do Rio Grande do Sul; Castro, Cabral e Castellanos (2019) no Maranhão; Cunha (2013) e Cunha e Silva (2020) em Santa Catarina; Franco (2020) no Triângulo Mineiro; Vidal (2009), Rodrigues (2015) e Rodrigues (2016, 2020) de Sergipe; no Sul do Mato Grosso do Sul com Moreira e Galvão (2022). Ou mesmo perspectivas com análises mais amplas como a tese de Martineli (2020), que investiga periódicos estudantis em diferentes espaços do Brasil Império, ou o levantamento de Bastos (2015), que trata de impressos estudantis em uma ampla revisão sistemática do assunto. Esses são alguns exemplos da recente produção historiográfica educacional do Brasil na área, sem a pretensão de esgotar a temática.

Moreira e Galvão (2022, p. 3) compreendem a imprensa estudantil como “[...] um conjunto de impressos que possuem características comuns e que têm, em seus processos de produção, destinação e/ou circulação, o protagonismo dos estudantes”. Já Amaral sinaliza como os jornais estudantis mostram práticas e discursos do cotidiano escolar constituindo-se como “[...] artefato cultural produzido por alunos, para seus pares e comunidade escolar, que

evidenciam o seu modo de percepção das práticas escolares e dos discursos que as subsidiam” (AMARAL, 2002, p. 123). Assim, concordamos com as autoras acerca do entendimento dos impressos estudantis e, de modo particular, nos voltamos para analisar um conjunto de diferentes jornais estudantis, tanto no que se refere ao grupo que os produziu, instituições às quais estiveram vinculados e mesmo aos assuntos abordados nos impressos: *O Porvir*, de 1874; *A Luz*, de 1877; *A Luz do Século*, de 1888; e *O Echo Juvenil*, de 1888, todos produzidos em Aracaju/SE e localizados na Hemeroteca Virtual da Biblioteca Nacional.

Os procedimentos metodológicos deslocaram-se pela pesquisa na Hemeroteca Virtual citada, seguidos da localização dos jornais produzidos em Aracaju/Sergipe e uma posterior identificação se seriam estudantis ou não. *A posteriori*, procedemos à análise de cada um dos impressos em diálogo com os referenciais teóricos e pesquisas afins na busca por atingir o objetivo do presente texto, qual seja, analisar as temáticas trabalhadas nesses impressos estudantis e apontar quem são os seus redatores. Desta feita, a metodologia adotada alicerçou-se nos aportes teóricos da Nova História Cultural e seu uso no campo da História da Educação, contribuindo, assim, para a caracterização da materialidade dos impressos. Na análise dos textos publicados pelos estudantes de Sergipe Oitocentista, inicialmente, identificamos as seções nas quais foram publicados, considerando as finalidades destas. Por conseguinte, realizamos a identificação das autorias e das temáticas discutidas nos textos, e posteriormente a análise dos conteúdos. Assim, colocamos em tela quatro números referentes a quatro jornais estudantis veiculados no recorte temporal de 1874 a 1888.

## **2. Achados na Biblioteca Nacional: jornais e a prática da escrita de estudantes no século XIX em Sergipe**

A partir do entendimento de que os jornais formam uma parte significativa da cultura de alunos e estudantes, levando em consideração a diferença entre esses dois termos – aluno como aquele que está matriculado em uma instituição e estudante como aquele que mesmo não estando matriculado pratica o ato de estudar, investigamos quatro impressos produzidos com diferentes finalidades, mas unidos pelos seus produtores. Alunos que integravam uma associação, alunos dos cursos preparatórios e um jornal de discentes da instituição educacional Atheneu Sergipense. Alunos que muitas vezes não sabemos seus nomes, mas conseguimos vislumbrar sobre o que escreviam e assim apontar aspectos dos Oitocentos pela ótica de jovens brasileiros embebidos em um universo de posicionamentos e reivindicações.

“O derramamento das sciencias deverá ser um dos mais sérios empenhos do governo do paiz”: escritos nos jornais estudantis em Aracaju/Sergipe (1874-1888)

São jornais com caráter abolicionista e/ou literário, jornais com quatro páginas, possivelmente impressos em uma mesma casa editorial e com algumas características de forma que se assemelham. Vejamos a seguir as imagens da página inicial de cada um dos impressos, seguidas de uma sucinta análise deles:

Figura 1 – O Porvir: jornal litterario e recreativo (1874)



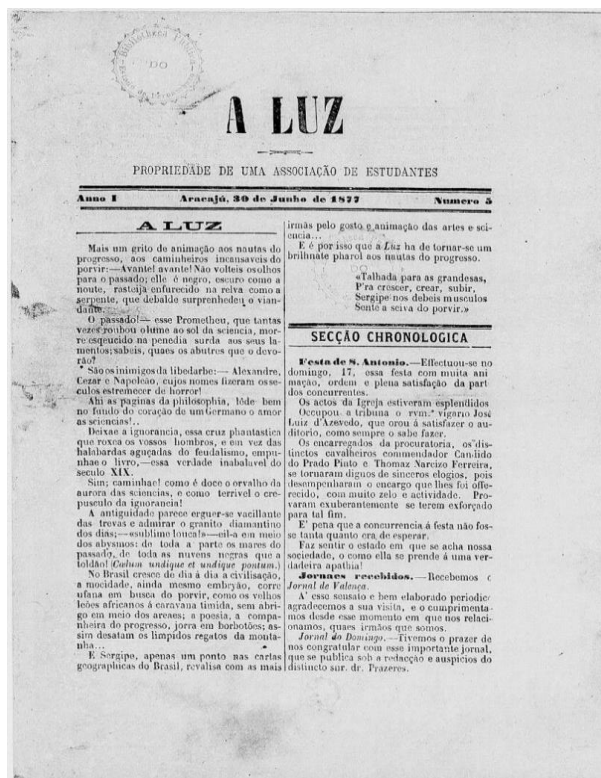
Fonte: Hemeroteca Virtual da Biblioteca Nacional. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DOCREADER/DOCREADER.ASPX?BIB=810800>.

O Porvir<sup>ii</sup> foi um jornal produzido pelos alunos do Atheneu Sergipense no século XIX, ou seja, era um jornal de caráter estudantil, que nasceu a partir do incentivo do professor da cadeira de Retórica e Poética, Brício Cardoso. Em linhas gerais, o número localizado do Porvir de 1874 foi o n.º 1 do ano 1. Infere-se que era um jornal que circulava para além da instituição educacional, pela existência de assinaturas para recebê-lo, tanto na capital quanto no interior. Trata-se de um periódico semanal que era publicado aos domingos.

O jornal possuía em seu cabeçalho a cidade, a data, o nome, o valor das assinaturas sobre o que ele tratava e a quem pertencia. Os redatores ganham destaque na primeira página, são eles: Euthycio Novaes, Manoel A. Machado, Balthazar A. Goes e J. Montes. Possuía

quatro páginas e era dividido em três colunas. Provavelmente foi datilografado em papel branco com o uso de tinta preta.

Figura 2 – A Luz: propriedade de uma associação de estudantes (1877)



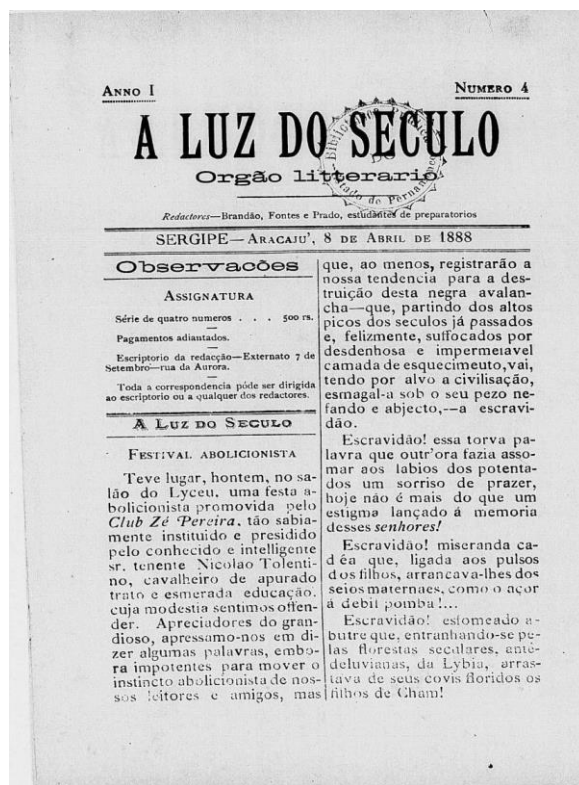
Fonte: Hemeroteca Virtual da Biblioteca Nacional. Disponível em:  
<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=810495&pesq=&pagfis=1>.

O jornal *A Luz* constituiu-se como um periódico pertencente a uma associação de estudantes.<sup>iii</sup> A princípio, foram localizados dois números, um de 1877, exposto na imagem lateral, e o outro de 1880. Em nenhum dos números fica explícito qual é a instituição de que os estudantes fazem parte ou mesmo se foram estudantes do secundário ou preparatório. Mas mesmo sem essas informações, foi possível retirar o número de 1880 da presente análise, porque ele não possuía no cabeçalho os termos “estudante ou aluno”, além de não constar nas publicações características de escritos de discentes.

Ao analisar o número exposto do jornal *A Luz*, nota-se que possuía quatro páginas e estava dividido em duas colunas. Nele não ficam explícitos os nomes dos redatores, contudo aparecem os nomes dos colaboradores ao final de cada produção. Constam ainda o valor, a periodicidade e o carácter, que nesse caso era estudantil, trabalhando com poema, literatura e variedades.

“O derramamento das sciencias deverá ser um dos mais sérios empenhos do governo do paiz”: escritos nos jornais estudantis em Aracaju/Sergipe (1874-1888)

Figura 3 – A Luz do Século: “orgão litterario” (1888)



Fonte: Hemeroteca Virtual da Biblioteca Nacional. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=810517&pesq=&pagfis=1>.

A *Luz do século* trata-se de um “orgão litterario” que pertenceu a estudantes dos exames preparatórios, sendo localizado o número 4 do ano I, correspondente a 1888.<sup>iv</sup> No cabeçalho do jornal destaca-se o nome do periódico, o seu caráter, os redatores, cidade, província, mês, ano, número e ano do jornal.

No caso dos redatores, só é possível identificar os sobrenomes. O periódico possuía quatro páginas, sendo cada uma dividida em duas colunas, e não apresentava sua periodicidade. “A *Luz do Século*” tem uma característica peculiar: versava sobre a temática abolicionista, expondo como o Lyceu, possivelmente o Atheneu Sergipense, abrigou uma festa do Clube Zé Pereira.

Trata-se de um jornal que era mantido por meio da assinatura ou compra avulsa, o que indica a circulação do impresso estudantil para além da escola, quiçá até na província. A análise do jornal aponta para uma prática de circulação entre os jornais estudantis por meio da constituição de uma rede de sociabilidade (SIRINELLI, 2003) dos seus produtores, discentes secundaristas, em uma pequena capital da Província do Brasil. Reforça tal inferência o diálogo entre os impressos estudantis no segundo quartel do século XIX, isso pode ser

vislumbrado quando o jornal *A Luz do Século* noticia, por exemplo, o surgimento do *Echo Juvenil*. Vejamos:

O *Echo Juvenil*

Com este título surgiu no campo jornalístico um periódico literário e abolicionista, redigido por Odilon Azevedo e Emilio de Oliveira.

Nós, honrados com um exemplar, saudamos aos nossos colegas e desejamos a esses soldados das letras e do abolicionismo um futuro brilhante. (O *ECHO JUVENIL*, n. 2, 1888, p. 4).

A seguir apresentamos *O Echo Juvenil* anunciado.

Figura 4 – *O Echo Juvenil*: órgão litterario e abolicionista (1888)



Fonte: Hemeroteca Virtual da Biblioteca Nacional. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=812650&pasta=ano%201888&pesq=&pagfis=1>.

O jornal *O Echo juvenil*, um “Orgão litterario e abolicionista”, não apresenta explicitamente que é um jornal estudantil, porém, seu surgimento é citado pelo *A Luz do Século* e em suas páginas constam severas críticas ao estado de conservação do *Atheneu “Sergipano”*. São ponderações detalhadas que possivelmente foram redigidas por alunos que frequentavam ou frequentaram a escola.

Trata-se de um jornal com quatro páginas, que possuía como redatores Emilio de Oliveira e Odilon Azevedo. Os nomes dos seus redatores não estão presentes no dicionário

“O derramamento das sciencias deverá ser um dos mais sérios empenhos do governo do paiz”: escritos nos jornais estudantis em Aracaju/Sergipe (1874-1888)

de Armindo Guaraná (1925), como também em outros estudos que tratam do período, desta forma não foi possível identificar outros passos das trajetórias desses sujeitos, ou mesmo se eram alunos/estudantes nesse período.

O periódico apresenta um cabeçalho no qual consta o nome do periódico, redatores, “anno”, número, valor, data, mês e cidade. Explicita-se que é um jornal literário e abolicionista, e, assim como *A Luz do Século*, também é um periódico criado em 1888, no ápice dos debates sobre a abolição da escravidão no Brasil.

A partir de uma primeira análise é possível notar um certo padrão na materialidade dos impressos estudantis em foco: todos possuem quatro páginas, a quantidade de colunas varia entre duas e três, os títulos sempre em destaque e uma espécie de seção de abertura. O tamanho das letras dos títulos e mesmo as informações das suas credenciais expostas entre linhas logo depois do nome. Talvez os jornais utilizassem a mesma gráfica para impressão ou mesmo esta rede de sociabilidade dos estudantes possibilitasse o contato com os jornais e suas “repetições” em formatos próximos.

Outro aspecto que chama atenção são os títulos dos jornais, sem dúvidas a nomenclatura dada aos impressos significava algo, afinal o título de um impresso serve para particularizá-lo, destacá-lo. Consoante Martineli e Machado (2021, p. 20): “Acreditamos que o título é escolhido pelos seus responsáveis para servir como apresentação inicial ao leitor, ou seja, como uma vitrine, aquilo que o identifica, que representa genericamente os principais assuntos abordados naquele jornal.” Neste sentido, podem ser destacados os títulos como *O Porvir*, *A Luz*, *O Echo Juvenil* e *A Luz do Século*.

Tomemos, como exemplo, *O Porvir*. Segundo a explicação de Rodrigues (2016, p. 51): “Os alunos, possivelmente, acreditavam que esse nome os representaria de forma que fossem vistos como crentes em um futuro próspero [...]”. O título do impresso serviria como a identidade do jornal, como aquilo que o destacaria entre os demais.

Outro aspecto concerne às temáticas escolhidas pelos estudantes para fazer circular entre si e mesmo com outras pessoas da sociedade sergipana nos Oitocentos. Vejamos o Quadro 1, com as temáticas:



**Quadro 1** – Temáticas dos jornais estudantis sergipanos no século XIX

<b>O Porvir</b>	A importância da imprensa, discurso sobre o dia 12 de julho, noticiário sobre uma cerimônia de tributo ao mérito com recepção no Atheneu. Seção denominada de Variedade, na qual apresenta um texto sobre “os bens terrenos”.
<b>O Echo Juvenil</b>	Existe uma seção denominada <i>O Echo Juvenil</i> , na qual são apresentadas fortes críticas à estrutura física do Atheneu Sergipense. Na seção <i>Noticiário</i> , expõe a temática sobre a escravidão, bem como na seção <i>Folhetim</i> . São apresentadas, também, literatura, charadas e uma seção destinada para poesias.
<b>A Luz do Século</b>	Seção denominada <i>Luz do século</i> , na qual existe um texto com o título “ <i>Festival Abolicionista</i> ”, que apresenta a festa abolicionista promovida pelo Club Zé Pereira. Uma seção denominada de “ <i>Noticiosa</i> ”, na qual mostra-se o surgimento de outro jornal, que foi <i>O Echo Juvenil</i> .
<b>A Luz</b>	Temáticas históricas voltadas para inimigos da liberdade, como: Alexandre, Cesar e Napoleão, sobre o passado. A Seção <i>Chronologica</i> trata sobre a festa de Santo Antônio e sobre o recebimento de um jornal literário. Literatura e variedades são outros temas destacados.

Fonte: Quadro elaborado pelos autores a partir da análise dos jornais.

Pelo exposto, nota-se que os estudantes escreveram sobre escravidão, sedições, abolição da escravatura, além de usarem o impresso para tecer fortes críticas sobre o que não compactuavam. Nesse contexto do século XIX, há um crescimento na comunicação, principalmente na área dos jornais. Neste sentido, pensar nos jornais como agentes históricos possibilita entrever o passado em tela a partir do olhar de alguns sujeitos que estavam inseridos naquele contexto, com seus interesses e por meio da sua visão de mundo.

Dentro desta perspectiva, os jornais podem ser considerados como vitrines do século XIX, pelas quais podemos estabelecer comparações, mudanças, interrupções e permanências na sociedade, mas com muita cautela, porque são escritos por pessoas, com vontades e silenciamentos, sendo que a produção do jornal, mesmo o produzido por alunos/estudantes, requer um aparato de técnicas e escolhas. Consoante Luca (2005, p. 132): “Historizar a fonte requer ter em conta, portanto, as condições técnicas de produção vigente e a averiguação, dentre tudo que se dispunha, do que foi e por quê.” Assim sendo, é necessário se atentar aos escritos dos estudantes, para quem foi escrito, com qual objetivo, quem escreveu e qual o contexto de produção.

Os periódicos em tela possuíam questões em comum, por exemplo, o uso da escrita e da literatura para trabalhar problemas sociais, ou ainda pertencerem a alunos/estudantes de

“O derramamento das sciencias deverá ser um dos mais sérios empenhos do governo do paiz”: escritos nos jornais estudantis em Aracaju/Sergipe (1874-1888)

preparatório e secundário. Esses jornais foram vitrines para esses estudantes/alunos. Neste sentido, o Quadro 2 apresenta os redatores desses jornais, vejamos:

**Quadro 2** – Redatores de jornais estudantis em Sergipe no século XIX

<b>O Porvir</b>	<i>Euthycio Novaes</i>	Não localizado
	<i>Manoel A. Machado</i>	No dicionário de Guaraná, consta como um dos professores de Joaquim do Prado de Sampaio Leite, no Atheneu.
	<i>Balthasar A. Goes</i>	Professor substituto da primeira cadeira da capital, onde ensinou gratuitamente, ocupou um cargo público por pouco tempo. Docente da cadeira de francês e aritmética, foi professor da escola normal e continuou colaborando em jornais.
	<i>J. Montes</i> ( <i>Juvêncio de Siqueira Montes</i> )	Ocupou vários cargos públicos em províncias diferentes, foi professor da escola normal, porém, não ficou muito tempo no cargo por problemas políticos com o governador da província (estado), colaborou na imprensa sergipana e carioca.
<b>A Luz do Século</b>	<i>Brandão, Fontes e Prado</i>	Não foi possível identificar.
<b>A Luz</b>	<i>Não explicitado</i>	Não foi possível identificar.
<b>O Echo Juvenil</b>	<i>Emilio Oliveira</i> <i>Odilon Azevedo</i>	Não foi possível identificar.

Fonte: Quadro elaborado pelos autores a partir da análise dos jornais.

Pelo exposto no Quadro 2, nota-se que alguns desses então estudantes do Atheneu Sergipense continuaram colaborando para jornais mesmo depois de terem seguido por outros caminhos, como é o caso de Balthasar Goes. No dicionário de Armindo Guaraná, apresenta-se alguns dos jornais em que Balthasar contribuiu:

Aos jornais “O Presente” 1877-1878, e “Correio de Sergipe”, 1890, editados no Aracaju e nos seguintes de Laranjeiras: “O Horizonte”, 1885-1886, “O Laranjeirense”, 1887-1888, e “O Republicano”, 1889, no qual, além dos artigos assinados com o pseudônimo Tupi, fez sempre o resumo do movimento do partido em todo o país. O Instituto do Ceará elegeu-o seu sócio correspondente. Escreveu: – Regeneração do clero: série de artigos no “O Presente”, Aracaju, de 23 de agosto a 20 de setembro de 1878. (GUARANÁ, 1925, p. 84).

Outro sujeito que aparece como contribuinte de vários jornais foi Juvêncio de Siqueira Montes, que escreveu na imprensa sergipana e carioca com romances, artigos, etc. Neste sentido, nota-se a importância do jornal na formação desses indivíduos, porque de certa

forma o jornal faz parte da cultura estudantil, no sentido das práticas e vivências que diferenciam aquele grupo de estudantes/alunos de outros, pois a experiência de fazer parte de um jornal mudou a vida e a visão de mundo daqueles indivíduos. O significado dos jornais estudantis na formação dos estudantes pode ser observado no fato de mesmo depois dos alunos concluírem seus estudos no Atheneu Sergipense, continuarem colaborando para jornais em diferentes localidades do Brasil.

### 3. Por dentro dos jornais estudantis: seções e temáticas

Dentre as seções presentes nos números dos jornais aqui analisados, a Literatura consta na maioria deles, exceto no periódico *A Luz do Século*. Essa seção tinha como finalidade publicar textos diversos como discursos, resumos de obras literárias e história de países, além de opiniões sobre política e sociedade.

Em um dos discursos publicados, destacamos o proferido pelo estudante do Atheneu Sergipense, José Ricardo Cardoso, em uma reunião da associação estudantil, Sociedade O Porvir, ocorrida no dia 12 de julho de 1874, na qual exaltava com alegria a criação do jornal estudantil, *O Porvir*, que nascia como órgão literário para o exercício da escrita, bem como exposição dos talentos literários dos estudantes secundaristas. No discurso, o jornalismo é referenciado como uma luz que “penetra tanto no palácio do opulento, como na choupana do pobre, é o livro que instrui o povo; é o intérprete das nações; é braço do comércio; é quem estreita as relações ultramarinas; é finalmente quem propaga as luzes da sciencias” (*O PORVIR*, n. 1, 1874, p. 2).

A imprensa também foi exaltada no jornal *A Luz*, em uma poesia composta em oito estrofes. Nela, o autor, em rimas, conta a história da imprensa até sua chegada em Sergipe, destacando sua importância para o desenvolvimento de vários países europeus, em especial Portugal.

VII

Entrou em Sergipe.

Iluminou Aracajú com seus raios ardentes;

Os sergipanos conheceram a sua utilidade, porém, como nas outras nações a política manchou as faces do allemã com seus beijos de messalina.

Mas ella ainda não se queixou (*A LUZ*, n. 5, 1877, p. 4).

Diferentemente dos outros jornais, o periódico *A Luz*, em sua edição número 5 do ano 1, não publicou a poesia em uma seção específica, mesmo tendo duas publicações nesse

“O derramamento das sciencias deverá ser um dos mais sérios empenhos do governo do paiz”: escritos nos jornais estudantis em Aracaju/Sergipe (1874-1888)

gênero literário. Como só localizamos um único número, talvez o impresso não possuísse uma seção de poesia, mesmo publicando o gênero.

No jornal *O Echo Juvenil*, a poesia estava presente em sua seção denominada Jardim Poético, na qual publicou em seu número 02, datado de 8 de abril de 1888, quatro poesias, sendo uma marcada pelo romantismo e a mulher desejada. O autor não teve parcimônia nas palavras ao definir sua mulher ideal, como pode ser visto em “Ella”, título da poesia, em que a descreve como “D’ uma cor roseo-vermelha. Negra, crespa cabeleira [...]” (O ECHO JUVENIL, n. 2, 1888, p. 4). Chama atenção a exaltação à beleza da mulher negra no Brasil oitocentista, que vivia conflitos e mobilizações diante da abolição da escravatura brasileira, que aconteceria um mês depois.

*O Echo Juvenil* era assumidamente abolicionista. Nesse segundo número do impresso, é perceptível como os seus redatores, Emílio de Oliveira e Odilon Azevedo, fizeram questão de não deixar dúvida sobre o papel do jornal na luta contra a escravização dos povos africanos no Brasil. A poesia que enaltece a beleza da mulher negra indica como o jornal usava suas páginas para apresentar o negro como belo e digno de admiração, mas, principalmente, para se posicionar contra as atrocidades do regime escravocrata. A seção Noticiário, com o pequeno texto “Barbaridade”, demonstrou o comprometimento do *Echo Juvenil* com a causa abolicionista, quando não só cobrou informações sobre o paradeiro de um negro que havia fugido do senhor que o escravizava, mas também denunciou o chefe de polícia que, preocupado em atender os senhores de terras e escravos, atuava como capitão de campo. Dizia a notícia:

**BARBARIDADE** – Nos compromettemos em o n. passado dizer o que houvesse ocorrido sobre o escravizado seviciado do engenho “Jaboticaba”. Não o vimos mais indignando pelo seu destino, soubemos que não se apresentara ao Sr. Dr. Chefe de Polícia, como lhe aconselhamos, e que julgar melhor refugiar-se lá para Larangeiras, onde seu senhor tem procurado, improficuamente, fazer da Polícia capitão do campo (O ECHO JUVENIL, n. 2, 1888, p. 2).

Ainda no mesmo número do jornal, os redatores publicaram um texto elogiando outro chefe de polícia que teve uma atuação contrária à vontade dos senhores de engenho.

Vejamos:

**Horrores** – No alpendre do edificio do Atheneu azilava-se um escravizado do engenho “Jurema”; sendo ele ali visto por um seu “senhor moço”, este se dirigido ao Dr. Chefe de Polícia pedindo a captura do escravizado, declarando que não havia

razão para sua fuga, porque o engenho de seu pae era um “paraíso terrestre” para os “seus negrinhos”.

Levado o fugitivo à presença do Sr. Dr. Chefe de Polícia Lycurgo, este o persuadiu do dever de ser ele conduzido para a casa de seu senhor; o escravizado, porém, demonstrando em sua linguagem rude, mas verdadeira, que o Chefe de Polícia estava iludido sobre o paraíso do engenho do seu senhor, declarou que preferia morrer afogado em caminho, do qual suportar as algemas, ganchos e todos os mais cortejos “das delícias do “paraíso do engenho “Jurema.

Não nos cumpre mais do que declarar que o Sr. Dr. Lycurgo não se prestou, ao offício de algaz de humanidade; o preto continua solto; e nós, contentes [...] não podemos deixar de curvar ante o distinto Pernambucano que sabe conciliar a justiça com os interesses da Pátria.

Saudamos, pois, o distinto filho da terra dos “Dias e Camarões (O ECHO JUVENIL, n. 2, 1888, p. 2).

Nesse texto é possível perceber a seriedade do jornal no combate à escravização, seja pela desconstrução da ideia escravocrata de adjetivar o negro como escravo e não como escravizado<sup>v</sup> como está expresso no texto, ou pelo elogio à atuação do chefe de polícia. Em ambas as situações, há uma intenção de levar o leitor a refletir sobre a vergonhosa permanência da escravidão no Brasil.

Ainda sobre o tema da escravização dos povos africanos no Brasil, outro impresso que também se assume abolicionista é o jornal *A Luz do Século*, quando na edição de número 4, datada de 8 de abril de 1888, trouxe na primeira página o texto “Festival Abolicionista”, no qual, ao informar sobre uma festa abolicionista promovida pelo Club Zé Pereira, esclareceu que:

[...] apressamo-nos em dizer algumas palavras, embora impotentes para mover o instinto abolicionista de nossos leitores e amigos, mas que, ao menos, registrarão nossa tendência para a destruição desta negra avalanche – que, partindo dos altos picos dos séculos já passados e, felizmente, suffocados por desdenhosa e impermeável camada de esquecimento, vai tendo por alvo a civilização, esmagal-a sob o seu pezo nefando e abjecto, -a escravidão.

Escravidão! Essa torva palavra que outr’ora fazia assomar aos lábios dos potentados um sorriso de prazer, hoje não é mais do que um estigma lançado à memoria desses senhores [...] (A LUZ DO SÉCULO, n. 4, 1888, p. 1).

Ao noticiar a festa abolicionista e expressar o desejo de ver a civilização esmagar e extinguir a escravização no Brasil, os autores demonstraram o diálogo do impresso com as ideias abolicionistas e seus intelectuais, além esclarecer que “Não obstante este jornal se não ter classificado no rol dos abolicionistas, isso não será razão para que seja refractário á idéa que hoje domina a mocidade” (A LUZ DO SÉCULO, n. 4, 1888, p. 4). Continuando, afirmaram que o órgão é literário e, assim sendo, é abolicionista, “porque a civilização nasce das letras,

“O derramamento das sciencias deverá ser um dos mais sérios empenhos do governo do paiz”: escritos nos jornais estudantis em Aracaju/Sergipe (1874-1888)

a liberdade da civilização” (A LUZ DO SÉCULO n. 4, 1888, p. 4). Nota-se também a relevância que a abolição ocupou na edição número 4, pois das três únicas publicações naquele número, duas fizeram referências às ideias abolicionistas.

Além das ideias abolicionistas que demarcavam as páginas dos jornais estudantis de Sergipe Oitocentista, a educação também era uma temática recorrente. Ora noticiando celebrações, ora denunciando e reivindicando melhorias no ensino e nos seus estabelecimentos. Em *O Porvir*, a seção Noticiário divulgou a cerimônia de celebração de Tributo ao Mérito ocorrida na sala de recepção do Atheneu Sergipense. Na ocasião, estavam presentes o corpo docente da instituição, o presidente da província acompanhado do seu secretário, o diretor da instrução pública, o chefe da polícia, o capitão do porto e outros membros da sociedade sergipana. As “paredes da sala de recepção foram decoradas com os retratos de seu fundador e concluídor – Tenente - coronel Francisco José Cardoso Júnior e Joaquim Bento de Oliveira Júnior” (O PORVIR, n. 1, 1874, p. 2).

No tocante às publicações sobre denúncias e reivindicações de melhorias educacionais, o jornal *O Echo Juvenil*, na primeira página da sua edição número 2, publicou um texto reafirmando a sua desvinculação com políticos, ao ponto de denunciar o estado deplorável em que se encontrava o edifício do Atheneu Sergipense. Denunciou que a sala das aulas de Francês e Português padecia de muitas pingueiras e em dias de chuvas as aulas eram suspensas. Pisos, grades e janelas estavam quebrados. Na entrada da secretaria existia “um buraco coberto de pedaços de taboas ordinárias, e é ali que se faz o depósito de lixo; enfim todo edifício apresenta aspecto lúgubre por falta de aceio” (O ECHO JUVENIL, n. 2, 1888, p. 4). Os redatores reivindicaram reparos imediatos para evitar um provável desmoronamento.

[...] S. Exc. o Sr. Presidente da Província, que para ali lance suas vistas; não fazendo como o seu antecessor que só foi áquelle estabelecimento uma única vez, e isto mesmo quando teve de apadrinhar uma caravana de estudantes bahianos, seus compatriotas que aqui vieram em busca de diplomas scientíficos, o que talvez não os pudessem obter em sua terra natal (O ECHO JUVENIL, n. 2, 1888, p. 4).

O texto tinha como objetivo chamar a atenção do Presidente da Província para a necessidade urgente de reforma do prédio do Atheneu Sergipense, mas também foi espaço de denúncias e críticas à forma como a educação sergipana estava sendo dirigida. Além de denunciar uma possível distribuição ilegal de diplomas do curso científico para os alunos da Bahia, também fez crítica moderada e cautelosa à oferta de cadeiras de ensino desnecessárias

na Província. Os redatores do jornal temiam que a crítica fosse mal interpretada e acabasse levando à extinção de muitas cadeiras. Declararam que, como amantes do ensino que eram, “o derramamento das sciencias deverá ser um dos mais sérios empenhos do governo do Paiz; desejamos antes que se deixe de aprender por não se querer saber, do que por falta de preceptores” (O ECHO JUVENIL, n. 2, 1888, p. 2).

Diante do exposto, é possível afirmar que temáticas abordadas nos textos publicados nos jornais estudantis, aqui objetos de análise, foram diversas e se alinhavam às ideias que circulavam na sociedade da época, sobretudo de um grupo que tinha acesso à leitura e escrita, e nesse caso, jovens escolarizados que cursavam o ensino secundário ou os exames preparatórios para o ingresso no ensino superior. Tais jornais se constituíam como porta-voz da classe estudantil e dos anseios sociais e políticos arraigados no final do século XIX no Brasil.

#### **4. Algumas considerações**

É necessário compreender o jornal não só como fonte, mas como um objeto de pesquisa pelo qual é possível identificar uma cultura escolar, mais especificamente uma cultura estudantil, marcada por práticas educativas e formativas que extrapolavam as paredes das instituições educacionais. Trata-se de práticas que, na maioria das vezes, aconteciam em outros espaços, para além das salas de aula. Neste sentido, os jornais estudantis são artefatos da cultura estudantil e cultura escolar que nos fornecem indícios para compreender o cotidiano de jovens protagonistas das suas histórias individuais, com contribuições significativas para a construção de histórias coletivas na segunda metade do século XIX em Aracaju/SE.

Compreender os jornais estudantis como objetos e fontes de investigação nos permite perceber e/ou questionar quem eram esses alunos/estudantes, em que acreditavam e por que ou por quem reivindicavam e lutavam. Permite-nos entender o silêncio de outros agentes históricos, tratar da escola e seus problemas não registrados em atas e relatórios, das alunas, das professoras e demais agentes da instituição educacional. Permite-nos compreender a escola e a sociedade a partir da lente do aluno, aquele para quem os modelos educativos e formativos foram pensados.

A análise pincelada dos jornais *O Porvir*, *A Luz*, *A Luz do Século* e *O Echo Juvenil* nos permitiu compreender como os alunos de Sergipe, nas décadas finais do século XIX, criaram e participaram de redes de sociabilidade em meio a um contexto social e político constituído

*“O derramamento das sciencias deverá ser um dos mais sérios empenhos do governo do paiz”*: escritos nos jornais estudantis em Aracaju/Sergipe (1874-1888)

por conflitos e interesses, imprimindo valores, costumes, ideais, práticas sociais e culturais, que garantiram formação e constituição de sua identidade e de seu ser social. São jovens que defendiam a abolição, reivindicavam melhorias estruturais para prédios escolares, tratavam das condições de oferta das cadeiras do secundário e propalavam o valor da ciência afirmando que: “o derramamento das sciencias deverá ser um dos mais sérios empenhos do governo do Paiz”.

Discussões centradas em temáticas como escravização e o papel das ciências perpassaram os séculos, e na aurora do século XXI ainda enfrentamos problemas advindos dos Oitocentos. Que o debate promovido dentro e fora da escola, contando com a voz ativa dos estudantes, nos auxilie a refletir sobre a construção da sociedade brasileira, suas dívidas históricas e os caminhos para os quais devemos trilhar. Que os escritos de jovens estudantes de Aracaju/SE entre os anos de 1874 e 1888 e publicados em jornais estudantis também nos inspirem a refletir sobre os escritos e silenciamentos, o divulgado e o guardado, assim como o papel da imprensa na constituição de um país mais democrático.

### Referências

A LUZ. Aracaju/SE: n. 5, 30 jun. 1877.

A LUZ DO SÉCULO. Aracaju/SE: n. 4 abr. 1888.

ALMEIDA, Dóris Bittencourt; BASTOS, Maria Helena Camara. Culturas juvenis dos anos 1980 nas páginas do periódico o estudantil: “JB – O Jornal do Becker” (Colégio Estadual D. João Becker – 1985/1986). **Educar em Revista**, Curitiba, Brasil, n. 57, p. 239-259, jul./set. 2015.

AMARAL, Giana Lange. Os impressos estudantis em investigações da cultura escolar nas pesquisas histórico-institucionais. **Revista História da Educação**. ASPHE/Fae/UFPel, Pelotas/RS. n. 11, p. 117-130, 2002.

AMARAL, Giana Lange do. Os jornais estudantis Ecos gonzagueanos e Estudante: apontamentos sobre o ensino secundário católico e laico (Pelotas/RS, 1930-1960). **Revista História da Educação**. Porto Alegre/RS, v. 17, n. 40, maio/ago., p. 121-142, 2013.

BASTOS, Maria Helena Camara. Impressos e cultura escolar: Percursos da pesquisa sobre a imprensa estudantil no Brasil. In: HERNÁNDEZ DÍAZ, José María. (coord.). **La prensa de los escolares y estudiantes**. Su contribución al patrimonio histórico educativo. Salamanca/ES: Ediciones Universidad de Salamanca., v. 1, p. 21-43, 2015.

BASTOS, Maria Helena Camara; ERMEL, Tatiane de Freitas. O Jornal A Voz da Escola: Escritas dos Alunos do Colégio Elementar Souza Lobo (Porto Alegre/RS, 1934-1940). **Revista Hist. Educ.** (online), v. 17, n. 40, Porto Alegre/RS, p. 143-173, 2013.



CASTRO, Cesar Augusto; CABRAL, Mayra Cristhine dos Santos; CASTELLANOS, Samuel Luis Velázquez. A imprensa Estudantil Liceísta no Maranhão (1889-1900). **Revista Brasileira de História Educação** [online]. v. 19, 2019.

CUNHA, Maria Teresa Santos. Das mãos para as mentes. Protocolos de civilidade em um jornal escolar/SC (1945-1952). **Educar em Revista**. Curitiba-Brasil. n. 49. p. 139-159, jul./set. 2013.

CUNHA, Maria Teresa Santos; SILVA; Cristiani Bereta da. Jornais escolares: arautos de ensinamentos patrióticos e pacifistas (Santa Catarina/Brasil/1940-1960). **Sarmiento** (Vigo), v. 24, p. 127-159, 2020.

FRANCO, Isaura Melo. **Juventude estudantil pelo olhar dos jornais do triângulo mineiro: entre a tutela e a subversão** (décadas de 1950 e 1960). 2020. 317 f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia/MG, 2020.

GALVÃO, Ana Maria de Oliveira; LOPES, Eliana Teixeira (org.). **Boletim vida escolar: Uma fonte e múltiplas leituras sobre a educação no início do século XX**. Belo Horizonte: Autêntica. 2011.

GUARANÁ, Armindo. **Dicionário Bio-bibliográfico Sergipano**. Rio de Janeiro, 1925.

Haidar, Maria de Lourdes Mariotto. **O ensino secundário no Brasil Império**. 2. ed. São Paulo: Edusp, 2008.

LUCA, Tania Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINKY, Carla Bassanezi. (org.). **Fontes históricas**. 3. ed. Contexto: São Paulo, p. 111-145, 2021.

MARTINELLI, Laís Pacífico. **Pelos Estudantes e Para os Estudantes: a instrução e a literatura nos periódicos estudantis brasileiros (1870-1880)**. 2020. 406 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Estadual de Maringá/PR, 2020.

MARTINELLI, Laís Pacífico, MACHADO, Maria Cristina Gomes. A produção periódica estudantil oitocentista. **Revista Educação em Questão**, Natal/RN, v. 59, n. 60, p. 1-29, e-25671, abr./jun. 2021.

MOREIRA, Kênia Hilda; GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. Impressos estudantis secundaristas como fonte para a História da Educação: potencialidades e desafios no processo de produção de um repertório sobre o Sul de Mato Grosso (Brasil). **Cadernos de História da Educação**, v. 21, p. 1-23, 2022.

O ECHO JUVENIL. Aracaju/SE: n. 2, 8 abr. 1888.

O PORVIR. Aracaju/SE: ano 1, n. 1, 4 ago. 1874.

“O derramamento das sciencias deverá ser um dos mais sérios empenhos do governo do paiz”: escritos nos jornais estudantis em Aracaju/Sergipe (1874-1888)

PALLARES-BURKE, Maria Lúcia Garcia. A imprensa periódica como uma empresa educativa no século XIX. **Caderno de Pesquisa**, Cortez, n. 104, p. 144-163, jul. 1998.

RODRIGUES, Cibele Souza. **Letras Estudantis em Sergipe**: cultura escolar em impressos de alunos secundaristas de Aracaju na década de 1930. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão/SE, 2020.

RODRIGUES, Cibele de Souza. **O Porvir, jornal literário e recreativo**: propriedade de uma associação de estudantes do Atheneu Sergipense (1874). 2016. 104 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão/SE, 2016.

RODRIGUES, Simone Paixão. **Com a palavra, os alunos**: associativismo discente no grêmio literário Clodomir Silva (1934 – 1956). 2015. 337 p. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Sergipe. São Cristóvão/SE, 2015.

SANTOS, Maria Edna. **“Exames geraes de preparatorios”**: cultura escolar do ensino secundário sergipano (1873-1934). 2021. 350 f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão/SE, 2021.

SIRINELLI, Jean-François. Os intelectuais. In: RÉMOND, René (org.). **Por uma história política**. 2. ed. Tradução Dora Rocha. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003. p. 231-269.

VIDAL, Valdevania. **O Necdalus**: um jornal estudantil do Atheneu Sergipense (1909-1911). 2009. 224 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão/SE, 2009.

## Notas

---

<sup>i</sup> O presente trabalho integra o Projeto “Os jornais estudantis em Sergipe (1874-1959): práticas educativas pela ótica dos discentes do secundário” que conta com financiamento do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Chamada CNPq/MCTI/FNDCT N° 18/2021 – UNIVERSAL Processo: 404241/2021-2. Conta também com apoio financeiro do EDITAL N° 06/2022/PPGED/PROAP/UFS.

<sup>ii</sup> Para saber mais sobre o jornal O Porvir, ler a dissertação de Rodrigues (2015a). Outros números do jornal podem ser localizados na Biblioteca Pública Estadual Epiphânio Dórea em Aracaju/SE, no presente texto nos deteremos no exemplar disponível no acervo da Hemeroteca Nacional. Já sobre o Atheneu Sergipense, ler a tese de Alves (2005).

<sup>iii</sup> Para saber mais sobre as associações de estudantes em Sergipe, sugerimos a leitura da tese de Rodrigues (2015).

<sup>iv</sup> Sobre os exames preparatórios no Brasil, ler Haidar (2008) e, em Sergipe, a tese de Santos (2021).

<sup>v</sup> Pretendemos aprofundar em outras pesquisas o uso das palavras escravo e escravizado e seus sentidos no contexto social e político do Brasil no final do século XIX.

## Sobre os autores

### **João Paulo Gama Oliveira -**

Professor do Departamento de Educação (DEDI) e dos Programas de Pós-Graduação em Educação (PPGED) e Ensino de História (PROFHISTÓRIA) da Universidade Federal de Sergipe. Graduado em História, mestre e doutor em Educação pela UFS. Realizou estágio de pós-doutoramento na Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP) com Bolsa de Pós-Doutorado Júnior (PDJ) do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico Tecnológico (CNPq). Líder do Grupo de Pesquisa Disciplinas Escolares: História, Ensino e Aprendizagem (GPDEHEA/UFS/CNPq) e integrante dos Grupos de Pesquisa Relicário (DED/UFS/CNPq) e Heduca (UFPEL/CNPq). Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-9683-5413>. E-mail: profjoaopaulogama@gmail.com.

### **Simone Paixão Rodrigues -**

Professora do Departamento de Educação (DEDI) da Universidade Federal de Sergipe (UFS). Graduada em História e em Pedagogia, mestre e doutora em Educação pela UFS. Membro do Grupo de Pesquisa: Disciplinas Escolares: história, ensino e aprendizagem – DEHEA. Realizou doutorado sanduíche na Universidade do Porto/Portugal com Bolsa CAPES. É membro do Conselho Editorial da SEDUC/SE. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-4640-1865>. Email: simonepaixao10@gmail.com.

### **Vitória Lídia da Silva Santos -**

Acadêmica em licenciatura plena em História pela Universidade Federal de Sergipe (UFS). Bolsista PIBIC/CNPq do projeto de pesquisa “Os jornais estudantis em Sergipe (1874-1959): práticas educativas pela ótica dos discentes do secundário” e membro do Grupo de Pesquisa: Disciplinas Escolares: história, ensino e aprendizagem – DEHEA. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-9127-5135>. E-mail: vitorialidia782@gmail.com.

Recebido em: 09/01/2023

Aceito para publicação em: 04/02/2023